

COMBUSTÍVEIS

Estados Unidos atestam depósitos com petróleo saudita até 24 de maio

Nem os especialistas entendem os motivos para 43 milhões de barris provenientes da Arábia Saudita virem a caminho de portos norte-americanos. Senadores republicanos estão a pressionar Trump.

JOÃO PALMA-FERREIRA

jferreira@jornaleconomico.pt

Vinte e oito navios petroleiros da Arábia Saudita – entre os quais 14 com grande capacidade de carga, da classe dos designados Very-Large e Ultra-Large Crude Carriers (VLCC e ULCC) –, que transportam o equivalente a 43 milhões de barris de petróleo saudita, vão chegar aos terminais portuários dos Estados Unidos até 24 de maio, segundo informações da Rystad Energy. Além desta quantidade de petróleo árabe, há mais 76 petroleiros com descargas programadas para os portos norte-americanos. A Rystad Energy informa que “o congestionamento portuário nos Estados Unidos atingiu novos patamares”, considerando “improvável que todos estes petroleiros sejam capazes de descarregar o petróleo transportado”. Vários especialistas do setor admitem que os Estados Unidos estão a captar para o seu mercado o maior excedente petrolífero disponibilizado pelos *traders* internacionais.

A agência Bloomberg refere que a frota de superpetroleiros que transportam petróleo saudita “aumentará o congestionamento crescente nos portos dos Estados Unidos nas próximas semanas”, enquanto “os produtores locais suspendem a extração à medida que ficam sem espaço para armazenar quantidades de petróleo

que o mercado já não absorve”.

A Rystad Energy explica que os 43 milhões de barris de petróleo saudita que estão a ser transportados pela frota de 28 petroleiros da Arábia Saudita devem chegar à costa do Golfo, do lado Atlântico, e à costa Oeste, do lado do Pacífico, até 24 de maio. Na costa Oeste já há 34 petroleiros que aguardam vez para descarregar cargas de petróleo, estimadas em 25 milhões de barris. Enquanto na Costa Leste, perto da zona do Golfo, há 31 petroleiros alinhados para descarregarem nas instalações portuárias norte-americanas.

Ao mesmo tempo, ficou praticamente esgotada a capacidade da principal infraestrutura de armazenamento de petróleo dos Estados Unidos, localizada em Cushing, no Estado do Oklahoma – cujo nível de saturação condiciona a evolução (a valorizar ou desvalorizar) das cotações negociadas para os contratos de futuros do petróleo West Texas Intermediate (WTI).

Face à quantidade de petróleo que existia no mercado norte-americano em março - e partindo do pressuposto que os navios-tanque árabes vão conseguir descarregar o petróleo transportado -, os especialistas admitem que as descargas sauditas devem compensar os cortes de produção decididos pelas unidades de extração de petróleo nos Estados Unidos. Isto si-

gnifica que continuará a haver grande quantidade de petróleo armazenada no país e que essa conjuntura deverá manter as cotações do WTI em valores baixos. A Rystad Energy também admite que as descargas sauditas devem compensar os cortes de produção nos Estados Unidos.

Mas, segundo um especialista sénior português, académico do Instituto Superior Técnico, “os Estados Unidos têm grande capacidade de armazenagem de petróleo, pois além das instalações do Oklahoma, têm grandes tanques nos Estados do Ohio, no Tennessee e na Virginia, além de outras unidades pertencentes a agências estratégicas da Defesa”. “Mesmo admitindo que grande parte da capacidade de armazenamento total está a ser utilizada, ainda dispõem de capacidade para armazenar o petróleo que está a chegar ao seu mercado”, diz o especialista por-

Nos próximos 15 dias uma grande frota de petroleiros espera descarregar uma das maiores quantidades de petróleo até hoje entregues a um só país

tuguês, considerando que “o que se está a passar vai muito além da questão logística e até vai além da relação de forças entre democratas e republicanos”. Que se passa, então, nos Estados Unidos que possa interferir tanto no mercado petrolífero?

CEO da JP Morgan alerta para “**má recessão**” que se aproxima

Entre vários aspetos relevantes - e não esclarecidos -, encontram-se os desígnios futuros do banco de investimento JP Morgan, que tem impactos em quase todos os setores económicos dos Estados Unidos. Depois do seu “histórico” presidente, James Dimon, ter sido recentemente operado ao coração, comentou ao “The Wall Street Journal” que o JP Morgan pretende ser “um porto na tempestade” da “má recessão” que se aproxima.

Tal como em quase todos os países do mundo, a Covid-19 domina a agenda política norte-americana. Contrariamente ao que tinha sido anunciado, a Administração Trump já não tenciona desmobilizar a *task force* que tem respondido à crise da Covid-19. Este “recurso” político acontece numa altura em que - refere o “The Wall Street Journal” - as previsões indicam que o número de mortes por Covid-19 nos Estados Unidos poderá, praticamente, duplicar no verão de 2020.

A 6 de maio, o icónico jornal de grande tiragem “USA Today” anunciou a nova “guerra fria” entre os Estados Unidos e a China, cujas tensões aumentaram significativamente devido à crise da Covid-19. Jacob Stokes, ex-conselheiro de segurança nacional do vice-presidente Joe Biden, diz que “as relações Estados Unidos-China são as piores dos últimos 50 anos”.

Neste enquadramento da pandemia da Covid-19, o presidente norte-americano Donald Trump está a ser pressionado por senadores republicanos para impedir que os petroleiros que transportam o petróleo saudita sejam descarregados, pois consideram que isso agravaria o excesso de petróleo no mercado, refere a agência Bloomberg.



Como a capacidade de tancagem disponível na costa Oeste é inferior à que existe na costa Leste, é provável que muitos petroleiros localizados na costa Oeste sejam contratados para funcionarem como armazenamento temporário do petróleo que não poderá ser descarregado para instalações em terra. Atualmente é muito fácil determinar com exatidão a quantidade de petróleo transportada pelos petroleiros em todo o mundo, atendendo aos serviços disponibilizados por empresas de inteligência operacional na área da energia, como a Kpler, com escritórios em Paris, Bruxelas, Londres, Houston, Nova Iorque, Singapura e Dubai.

“The New York Times” revela nova doença

Por outro lado, as investigações relacionadas com as origens do coronavírus, a forma como a Covid-19 alastrou rapidamente da China para todo o mundo e as informações “adicionais” que começam a surgir, agravam os receios de especialistas. Uma dessas situações foi reportada na edição de quarta-feira, 6 de maio, no “The New York Times”, pelos jornalistas Joseph Goldstein e Pam Belluck, dando conta de novos problemas clínicos.

É o caso identificado em uma criança com oito anos de idade, internada no hospital de Long Island, em estado grave, próximo da morte. Ou, igualmente, dos casos reportados dois dias antes no hospital Cohen Children’s Medical Center, onde deram entrada cinco jovens pacientes em situações críticas, com idades entre os 4 e os 12 anos, com doenças “invulgares”, “relacionáveis com a Covid-19”, refere o TNY Times.

O jornal acrescenta que idênticos misteriosos novos sintomas foram identificados nas últimas semanas em crianças da zona nova-iorquina de Long Island. Os médicos locais designam esta nova doença infantil por “*pediatric multisystem inflammatory syndrome*”. ●